

## QUATRO DIAS DE PERGUNTAS À QUEIMA-ROUPA

*por Andrea Tornielli*

Ainda é possível encontrar a Deus na época em que vivemos, na “sociedade líquida” em que estamos mergulhados? A secularização e a descristianização, características de um Ocidente outrora cristão, são sinal do fim dos tempos ou apenas do fim de um tempo e do começo de outro? A sociedade plural e relativista é o inimigo a combater levantando-se barreiras e muros, reforçando-se cidadelas construídas nas montanhas para rechaçar os ataques, ou será que pode tornar-se a ocasião para anunciar o Evangelho de maneira nova? O fim da civilização cristã, a dificuldade em encontrar um denominador comum nos “valores” e na moral “natural” sinalizam a impossibilidade de um diálogo sincero entre crentes e não crentes, ou requerem que ele seja proposto de formas novas? Por que o Papa Francisco, na esteira dos predecessores do último meio século, insiste tanto na misericórdia? Para encontrar Cristo no nosso caminho, como acontecia há dois mil anos a quem cruzava com Ele nos vilarejos da Galileia, são necessárias condições? O encontro com

Ele é o fruto de estratégias de *marketing*, é o resultado de um método posto em prática como se se tratasse de um manual de instruções, ou é um dom de pura graça, que como tal não nos pertence nem antes nem depois? A Igreja é a sociedade dos “perfeitos” que passam seu tempo julgando a tudo e a todos, com invectivas diárias contra os tempos modernos e, na mesma medida, com saudades do passado, ou é composta por cristãos que antes de tudo se consideram a si mesmos pobres pecadores, desgraçados que foram por graça agraciados e, precisando todo dia de perdão e de misericórdia, às vezes refletem o olhar da misericórdia sobre os “outros”, próximos e distantes, jamais considerando-se melhores e mais capazes?

Perante uma situação que em certos aspectos se assemelha cada vez mais à do início do cristianismo, como é chamado a viver quem crê em Jesus? Pe. Julián Carrón já está há doze anos à frente do movimento Comunhão e Libertação. Teve a difícil tarefa de pegar o bastão de Dom Luigi Giussani, o qual, mesmo sem ter pretendido “fundar nada”, por querer apenas repropor os elementos essenciais do cristianismo e do pertencer à Igreja, deu vida a um movimento que, como todas as realidades novas, gerou e gera discussões. Um movimento estruturado que deu e dá o que falar.

Parecia-me interessante dialogar com ele, sacerdote espanhol nascido entre as cerejeiras da Estremadura, a quem Giussani, surpreendendo mais do que ninguém, decidiu no último período de sua vida confiar a condução do Movimento. Não tanto com o objetivo de abordar os temas mais espinhosos e internos da vida de CL, e mais genericamente da Igreja – que contudo não faltam neste livro, com perguntas e respostas até mesmo incômodas –, mas principalmente para contar qual é o olhar do Movimento para o momento histórico que estamos vivendo. Para escutar, possivelmente sem

linguagens autorreferenciais ou somente para os membros de carteirinha já “fidelizados”, qual é o núcleo essencial da fé cristã. Com uma atenção particular à dinâmica com que o cristianismo se comunicou e comunica.

Este livro-entrevista é o fruto de quatro dias de diálogo, ocorrido numa grande sala no último andar do Instituto Sagrado Coração de Milão, com vista para a Tangencial Leste e um leve tremor do chão a cada passagem rápida dos caminhões de carga. Uma sala de reuniões como qualquer outra, sem originalidades particulares de decoração e mobília. Somente no último dia é que Pe. Julián me disse que naquele lugar vivera os últimos meses de vida e morrera Dom Giussani, que por causa das consequências do mal de Parkinson precisava de uma assistência específica.

No diálogo com Carrón, mais do que olhar para o início do Movimento, retornamos muitas vezes ao início do cristianismo. Aos relatos evangélicos. Porque lá, na redescoberta da origem, aprofundada e vivida hoje, está a resposta à pergunta sobre o testemunho dos que acreditam em Cristo na nossa época.

Diante de quem parece precisar, a cada dia, de um “inimigo” contra o qual investir-se em nome dos valores cristãos, diante de quem parece consistir somente nesta possibilidade de se contrapor, ressurgem mais do que nunca apropriadas as palavras que Dom Giussani pronunciou em agosto de 1982, referindo-se à Action Française de Charles Maurras, que no começo do século queria reformar o mundo em nome dos valores cristãos. “Mas não era fé”, comentou Giussani, “a fé é só isto: [...] ‘a abertura enérgica a uma Presença’”, à presença de Cristo. “A objeção fundamental à recuperação contínua” de semelhante consciência “nasce [...] de uma insegurança existencial, isto é, de um medo profundo que faz buscar o

apoio nas próprias expressões”, nas próprias realizações: “a cultura e a organização. [...] É uma insegurança existencial, é um medo de fundo que faz conceber como próprio ponto de apoio, como razão da própria consistência as coisas que se fazem num âmbito cultural ou organizativo. Assim toda a atividade cultural e toda a atividade organizativa não se tornam expressão de uma fisionomia nova, de um homem novo. Se fossem a expressão de um homem novo, poderiam até nem existir quando as circunstâncias não o permitissem, mas aquele homem estaria de pé. Ao passo que, pelo contrário, muitos dos nossos aqui presentes, se não houvesse essas coisas, não estariam de pé, não saberiam por que estão aqui, não saberiam a que aderem: não permanece, não consiste”.<sup>1</sup> Eu poderia acrescentar: se não houvesse “inimigos” e irmãos na fé contra os quais investir-se diariamente, já não saberiam em que consistir.

Emmanuel Mounier, no livro *A aventura cristã*, predissera: “O porteiro da história não escutará os vossos argumentos, olhará para os vossos rostos”.<sup>2</sup> E, antes ainda do “porteiro da história”, também as pessoas que encontramos todos os dias olham para o rosto dos cristãos mais do que escutam as suas lições de doutrina, captando a simpatia humana e a compaixão sincera de quem abraça sem julgar, por ter sido e ser, por sua vez, continuamente abraçado e perdoado.

O diálogo que o leitor encontra nestas páginas não é um livro sobre a história de CL (já existem), não é uma biografia de Pe. Julián Carrón (a quem agradeço ter aceitado a minha proposta e jamais ter-se subtraído a nenhuma pergunta), e tampouco é um livro sobre o Movimento. Representa antes

---

<sup>1</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milano: Bur, 2008, pp. 96-97.

<sup>2</sup> E. Mounier, *L'avventura cristiana*. Tradução para o italiano de M. Guidacci. Firenze: LEF, 1951, p. 9.

a tentativa – cujo êxito será julgado por quem lê – de colocar e suscitar perguntas, para descobrir ou redescobrir conteúdos e dinâmicas do cristianismo. Perguntando-se se podem e como podem ser interessantes e novamente testemunhadas numa sociedade ainda não pós-cristã, mas já a meio caminho andado.

# 1

## ENCONTRAR A DEUS HOJE

*Quando a secularização se torna uma ocasião*

*Pe. Julián, vivemos num mundo abalado por guerras, terrorismo, fome, imigração... Como um cristão olha para o futuro perante um panorama como o atual?*

Um cristão olha para o futuro com realismo e com esperança. Dois termos que parece estarem quase em conflito entre si: para alguns, de fato, alimentar esperanças significa ter um olhar adocicado para a realidade; para outros, ser realista comporta necessariamente não ter esperanças. Contudo, é justamente a esperança o que permite um autêntico e radical realismo, no qual não é necessário eliminar nada do que existe, num sentido ou no outro. Por isso, o único olhar realista é o cristão. São Paulo talvez tenha oferecido a descrição mais apocalíptica do mundo contemporâneo a ele, no início da *Carta aos Romanos*; não por ser um observador mais obstinado do que outros, mas porque a esperança que o encontro com Cristo ressuscitado suscitara nele lhe permitia não recuar ante os fatos e os problemas e dar-se conta do que não era bom em seu entorno. Não precisava dourar a pílula.

Hoje vemos a mesma atitude no Papa Francisco, que fala com grande realismo da situação que estamos vivendo: terceira guerra mundial em pedaços, tráfico de armas, violências, descarte de pessoas, fenômenos migratórios, injustiças, fome, corrupção. Interessado tanto nas histórias particulares das pessoas quanto nos cenários globais, tornou-se um líder mundial reconhecido por todos, justamente por seu olhar cheio desse realismo que nasce da esperança cristã. Se um cristão vive realmente uma experiência de fé, a certeza que esta traz consigo estende-se até o futuro: fundamenta uma esperança que permite enfrentar tudo com um olhar novo.

*O senhor está dizendo que o cristianismo não é pessimista, mas tampouco é otimista?*

Fundamentalmente, no fim das contas, é otimista, não por ingenuidade, mas porque a última palavra sobre a vida e sobre a realidade é o acontecimento de Cristo, um fato que ocorreu e introduziu na história uma esperança de outra forma impossível. Resume-o bem uma frase de Charles Péguy: “Para esperar [...] é preciso ter recebido uma grande graça”.<sup>1</sup>

*Que significa “uma grande graça”? Pode explicar brevemente?*

É a graça do encontro com Cristo. Como o encontro – extremamente humano – dos dois primeiros, André e João, com Jesus às margens do rio Jordão, que mudou toda a vida deles. Ou como o encontro devastador de São Paulo no caminho de Damasco, que inverteu o olhar que ele tivera até aquele momento. O encontro com Cristo vivo determina o modo deles de olhar para tudo, abre-os para captar a irreduzível positividade do real. O ponto último que determina o

---

<sup>1</sup> C. Péguy, “Il portico del mistero della seconda virtù”. In: Idem, *I misteri*. Tradução para o italiano de M. Cassola e P. Lia. Milano: Jaca Book, 1997, p. 167.

real, então, já não é o mal, o sofrimento, mas a vitória de Cristo ressuscitado. Quem recebe a graça – o dom gratuito, imerecido, que não depende da nossa capacidade – do encontro com Cristo e o acolhe, vive com a presença d’Ele nos olhos, em todas as fibras do seu ser, e ela plasma a maneira com que olha para o real.

*No fundo, a própria palavra “conversão” remete a esse olhar para tudo com outros olhos, a partir de outra perspectiva...*

Sim, a palavra grega *metanoia* (“conversão”) quer dizer mudança do *nous*, da mente, do modo de conceber, pela introdução de um fator novo, imprevisto – uma presença –, que é fonte de um conhecimento novo.

*Que tem para dizer a fé cristã aos homens e às mulheres de hoje, num mundo tão esgarçado e problemático, na sociedade que é definida como “líquida”, na qual se apagaram determinadas evidências reconhecidas por todos? O seu livro A beleza desarmada<sup>2</sup> começa justamente com a pergunta se é possível um novo início para a fé hoje, quando desmoronaram as convicções de fundo criadas pelo cristianismo...*

Tenho certeza de que a fé pode dizer e dar muito aos homens de hoje, se eles a encontrarem encarnada na vida, na experiência de outras pessoas. A vida originada da fé é, com efeito, uma vida que carrega em si uma atração: quantos, tendo-a encontrado, já não querem perdê-la! Infelizmente, muitos dos nossos contemporâneos não raro entram em contato com uma fé reduzida a senso moralista ou nocional. Penso no quanto incidiu na nossa mentalidade a versão kantiana de um cristianismo “ético”. Ou então na identificação do cristianismo com um rol de doutrinas abstratas, cuja conveniência humana para a vida de cada um não se percebe. Eles ficam, assim, sem

---

<sup>2</sup> J. Carrón, *A beleza desarmada*. Tradução de C. Cruz. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2016.

ser tocados, não veem o nexo da fé com a vida. Quando porém encontram pessoas que, por força de uma fé vivida, enfrentam as mesmas circunstâncias de todos – dificuldades, cansaços, decepções, doenças – de uma forma diferente, testemunhando um “mais” de intensidade humana, uma letícia última, então tudo muda: ficam encantados, marcados, interessados. Desse impacto nasce uma atração, uma curiosidade, que pode tornar-se uma interrogação explícita sobre a origem do que veem. Este é o cristianismo que acontece de novo, que não precisa de nenhum requisito preliminar para despertar a atenção do homem de hoje. Basta também, apenas, verem a maneira como uma determinada pessoa vai trabalhar, para experimentarem uma curiosidade imprevista: “Como pode, às oito da manhã, você sempre entrar na sala de cirurgia cantando?” Estou falando de um caso concreto, com nome e sobrenome. Se uma pessoa que chega ao trabalho aborrecida vê outra que encara a sua mesma circunstância de maneira completamente diferente, mais humana, é difícil que não pergunte: “Por quê? O que lhe aconteceu?” Quando deparamos com outra forma de se posicionar nesse cotidiano que, como dizia Cesare Pavese, “quebra as pernas”,<sup>3</sup> podemos dar-nos conta de que a fé diz respeito à vida em sua concretude e em sua inteireza.

*No fundo, o cristianismo – vemos na história – conseguiu transformar a realidade quando não se difundiu pela conversão e pelo batismo do rei, que obrigava seus súditos a fazer o mesmo, mas quando se comunicou pouco a pouco, como que por osmose, de pessoa a pessoa, de família a família, sobretudo graças às mulheres, às mães.*

Nos primeiros séculos, o cristianismo teve talvez o maior momento de difusão graças aos mercadores, aos escravos, às mães de família. Pessoas extremamente normais que, vivendo

---

<sup>3</sup> C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. Tradução de N. Moulin. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p. 206.

a mesma vida de todos, testemunhavam – como se lê na *Carta a Diogneto* – essa diversidade que acabei de retratar. Não por motivo de um esforço ou de uma capacidade deles. Não por algum mérito adquirido ou por alguma superioridade intelectual. Não porque tivessem algo de especial. Não porque fossem perfeitos. Não, tinham os mesmos limites de todos, mas acontecera-lhes um encontro que os transformara.

É o que afirma Emmanuel Carrère em seu livro *O Reino*, a propósito da reação que os primeiros cristãos suscitavam: “Primeiro, ninguém compreende, ninguém vê interesse nessa extravagante inversão de valores. Depois, começam a compreender. Começam a ver o interesse, isto é, a força, a intensidade de vida resultante daquela conduta aparentemente aberrante. E, então, não têm mais senão um desejo, que é imitá-los”.<sup>4</sup>

*Provavelmente testemunhavam uma capacidade de querer-se bem uns aos outros, uma capacidade de partilha... tal como se lê nos Atos dos Apóstolos.*

É esse mesmo o ponto. Eu dizia frequentemente aos alunos da escola de Madri onde ensinei por anos: “Cristo deveria interessá-los justamente para as coisas mais bonitas da vida poderem durar”. Apaixionar-se é uma delas. Mas muitas vezes o ímpeto de quando a pessoa se apaixona não perdura no tempo. Quem pode fazê-lo durar? Amar a pessoa que tanto se desejou, querer-lhe bem realmente, sem sujeitá-la a si, às próprias pretensões, revela-se uma empreitada impossível. E o que sucede no amor dá-se no resto da vida: no trabalho, nas relações com as pessoas, em tudo. Há uma falta de durabilidade, à qual não conseguimos pôr barreiras. O que permite que as experiências mais belas da vida durem?

---

<sup>4</sup> E. Carrère, *O Reino*. Tradução de J. R. Siqueira. São Paulo: Alfaguara, 2016, p. 120.

Temos de reconhecer que todos os nossos esforços, as nossas tentativas, não são suficientes. Há uma frase de T. S. Eliot de que gosto muito: “Onde está a vida que perdemos vivendo?”<sup>5</sup> Com frequência, de fato, tem-se a sensação de perder a vida vivendo. É como se não conseguíssemos evitar que o que tem início de maneira fresca e atraente no tempo se torne rotina, se desgaste, perdendo seu fascínio. Cumpre haver algo diferente de nós, maior. E isto é, para o homem, Cristo presente.

*Que significa, então, viver a experiência cristã num contexto como o da sociedade ocidental, marcada pela secularização?*

Eu diria primeiramente, como já pude observar, que o contexto da secularização em que todos estamos imersos torna paradoxalmente mais fácil para nós entender e viver aquilo em que consiste a experiência cristã. Justamente neste contexto, com efeito, por contraste, é que se pode perceber com mais nitidez, lá onde acontece, aquela intensidade humana, aquele “mais” de capacidade de afeição, de liberdade, de possibilidade de encarar com esperança até as circunstâncias adversas, de usar a razão não reduzidamente, que nasce do acontecimento cristão. Desapareceram ideais e ideologias, desmoronaram valores e evidências que nos uniram por séculos, mas o coração do homem continua desejando: por isso a secularização pode transformar-se de verdade numa grande ocasião de testemunho para nós, cristãos.

*Como definiria o fenômeno da secularização? Que significa viver num contexto secularizado?*

A secularização é um fenômeno muito complexo, cujos efeitos todos nós constatamos: muito do que o cristianismo

---

<sup>5</sup> Cf. T. S. Eliot, “Coros de A Rocha”. In: Idem, *Poesia*. Tradução, introdução e notas de I. Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 175.

contribuíra para construir decaiu. Para entender isto, é preciso retornar aos umbrais da modernidade: na sociedade da época, muito – senão tudo – estava de alguma forma permeado e determinado pela fé cristã. Depois, a ruptura da unidade dos cristãos com a Reforma Protestante criou as condições das chamadas “guerras de religião”. Se já não compartilhavam a religião, o que sobrava como possível elemento agregador? A razão. O título de uma conhecida obra de Kant, *A religião nos limites da simples razão*, deixa entender bem (*a posteriori*) qual era a direção tomada. Num famoso pronunciamento em Subiaco, o então Cardeal Ratzinger explicou de forma muito sintética qual foi a intuição do iluminismo. “Na época do iluminismo, [...] na contraposição entre as confissões, [...] tentou-se manter os valores essenciais da moral fora das contradições e encontrar para eles uma evidência que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Assim, tentou-se assegurar as bases da convivência e, de uma forma mais geral, as bases da humanidade. Isso parecia possível nessa época, na medida em que as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo em grande parte resistiam e pareciam inegáveis.”<sup>6</sup> O reconhecimento comum desses valores permitiu superar as divisões e as contraposições derivadas do choque entre as religiões, mas separando-os delas.

*Tentaram, então, separar os valores de sua origem?*

Sim, a tentativa do iluminismo foi, em certo sentido, a de preservar o fruto da experiência histórica precedente, mas sem os vínculos com a história determinada e concreta em que ele tivera origem. É muito interessante ler a respeito uma

---

<sup>6</sup>J. Ratzinger, *A Europa de Bento na crise das culturas*. Tradução de A. Rocha. Lisboa: Alêtheia, 2005, p. 39.

frase de Kant, que o esclarece muito bem: “Pode-se, de fato, crer tranquilamente que, se o Evangelho não houvesse ensinado primeiro as leis éticas universais em sua íntegra pureza, a razão não as teria conhecido em sua totalidade”. Portanto, Kant reconhece que o Evangelho é a origem de determinados valores. Mas logo acrescenta: “Se bem que agora, *dado que já existem*, cada um pode ser convencido de sua justiça e validade apenas através da razão”.<sup>7</sup> Eis o ponto nevrálgico. Os valores essenciais dados a conhecer pelo Evangelho podiam agora gozar de uma evidência autônoma: não havia necessidade de nada mais para reconhecê-los, senão a razão, de tão inegáveis que eram. Mas também esta tentativa iluminista – não diferente de qualquer outra tentativa humana – teve de prestar contas com a história.

Que se passou desde então, do iluminismo até hoje? Essas grandes certezas resistiram às mudanças da história? Na conclusão de sua trajetória, Ratzinger afirma: “A busca de uma certeza tão reconfortante que pudesse permanecer incontestada para além de todas as diferenças falhou”.<sup>8</sup> Aquelles valores, que antes eram partilhados e reconhecidos por todos, hoje já não o são. É aquilo a que chamei “colapso das evidências”. Pensemos no valor da pessoa, que sofre restrições de várias espécies (quanto à liberdade de expressão e de associação, ao direito de professar publicamente a própria fé, à tutela do trabalho e da família etc.) em muitos países ocidentais, quando não é negado totalmente, como em algumas partes do mundo. Ou pensemos no valor da solidariedade, posta em questão pelo erguimento de novos muros, depois de já termos saboreado a alegria de finalmente ver

---

<sup>7</sup> I. Kant, “Lettera a F. H. Jacobi, 30 agosto 1789”. In: Idem, *Questioni di confine: Saggi polemici*, 1786-1800. Organizado por F. Desideri. Genova: Marietti 1820, 1990, p. 105.

<sup>8</sup> J. Ratzinger, *A Europa de Bento na crise das culturas*, op. cit., p. 39.